

A RAPARIGA DA MALA

um filme de Valerio Zurlini

com Claudia Cardinale, Jacques Perrin, Renato Baldini

Cópia Digital Restaurada 4K | *La ragazza con la valigia* | Itália, França | 1961 | 2h | M/12

Festival de Cannes – Seleção Oficial

Prêmios David di Donatello – Prêmio Special David para Claudia Cardinale

É o filme mais célebre de Zurlini, um cineasta profundamente moderno, com uma aura particular entre os grandes do cinema italiano, a par de um Antonioni ou de um Pasolini. Claudia Cardinale, que aqui se revela como grande atriz, é sublime no papel de Aida, uma jovem mãe solteira que canta para ganhar a vida. Encontra Lorenzo, um jovem de 16 anos, filho da grande burguesia (Jacques Perrin, que se tornaria actor fetiche de Zurlini), que lhe oferece o seu amor, escondendo-lhe ser irmão do amante que acabara de abandonar. É um encontro de almas solitárias, habitado pelo gosto amargo das primeiras angústias amorosas, pela impotência para superar o peso da fatalidade social, e, ao mesmo tempo, por um forte instinto de sobrevivência das personagens.



Desde as primeiras cenas, em que uma rapariga sai de um carro desportivo para ir mijar atrás de um arbusto, sob o olhar malévolo do condutor, compreendemos que o cineasta irá romper a rotina do romance fotográfico ou do melodrama italiano à *la starlette*, para contar uma história um pouco trivial mas, sobretudo, cruel e verdadeira. O realizador chama-se Valerio Zurlini, a rapariga Claudia Cardinale: são eles os co-autores de um grande filme triste, *La ragazza con la valigia*.

Aida, uma jovem mãe solteira que canta para ganhar a vida, é cobardemente abandonada pelo amante, um filho de boas famílias. Encontra o irmão deste, Lorenzo, rapaz de dezasseis anos tímido e sensível, que lhe esconde a relação de parentesco com o sedutor e lhe oferece ternura e amor. Lorenzo é um homem-criança da grande burguesia de província, Aida uma rapariga do povo que já viveu muito, constantemente perseguida pelo desejo masculino, ferozmente independente, não raras vezes vítima da sua própria ingenuidade. Valerio Zurlini filma o encontro de duas solidões, uma sucessão de *rendez-vous* clandestinos, de mentiras e de confissões, inspirando-se numa jovem atriz com quem se cruzara no início da sua adolescência.

Filmado em Parma a preto e branco, mergulhado no torpor de uma atmosfera provinciana apenas estimulada pela música, nomeadamente as canções de sucesso da época, *La ragazza con la valigia* é um clássico do cinema italiano dos anos 60, o grande sucesso de Valerio Zurlini. O filme assinala igualmente a primeira colaboração entre o realizador e o seu actor-fetiche, Jacques Perrin e oferece a Claudia Cardinale o seu primeiro papel de relevo. O argumento revela a incrível sensualidade e a beleza selvagem da atriz, bem como a sua falsa ingenuidade, que terão grande impacto na crítica e no público, auspiciando uma Nouvelle Vague italiana. Uma Nouvelle Vague que tomou forma e se impôs graças a novos corpos no cinema, corpos jovens, belos, sexuais: Jean-Paul Belmondo, Anna Karina, Bernadette Lafont em França; Claudia Cardinale ou Monica Vitti em Itália.

A obra de Valerio Zurlini merece uma perpétua (re)descoberta. De todos os cineastas italianos, permanece o mais esquivo. O mais frágil também, como atesta a sua parca carreira (apenas oito longas-metragens, e alguns fracassos), encurtada pela sua intransigência artística e por dramas privados. O cinema de Zurlini situa-se entre uma certa tradição literária herdada do "caligrafismo" dos anos 30 (como o de Bolognini) e uma revolução doce, uma quebra estilística que fazem dele um cineasta profundamente moderno, mas menos ostensivo do que Pasolini ou Antonioni. Os seus filmes são dramas angustiantes que preferem a retenção à abundância lacrimal e o intimismo psicológico a clichés.

La ragazza con la valigia, o seu terceiro filme, apesar de todo o pessimismo, não reflecte o desespero dos filmes seguintes nem o nihilismo radical da sua obra-prima, *La prima notte di quiete*, com Alain Delon. Certamente porque a beleza e a juventude dos actores atenuam a tristeza do filme, uma história de amor impossível, tema recorrente na sua filmografia. Aqui o instinto de sobrevivência das personagens impede a aproximação da morte e da destruição, o que não será o caso, dez anos volvidos, de *La prima notte di quiete*, esse frio retrato do fracasso de uma vida.

No limite, sentimos em *La ragazza con la valigia*, um sentimento de desperdício, o sabor amargo das primeiras angústias amorosas e uma profunda impotência para contrariar a fatalidade social... Valerio Zurlini lamentou-se por vezes, evocando "um desespero fundamental que, para infelicidade minha, transporto comigo". A sua visão desencantada da humanidade inspirou-lhe um punhado de títulos inesquecíveis com entrada frequente no panteão dos clássicos da história do cinema, mas sobretudo filmes de cabeceira, que alimentam a nossa melancolia e embaciam os nossos olhos a cada novo visionamento.

Olivier Père, *Les Inrockuptibles*



OUTONO ESCALDANTE

um filme de Valerio Zurlini

com Alain Delon, Sonia Petrovna, Lea Massari, Alida Valli

Cópia Digital Restaurada 4K | *La prima notte di quiete* | Itália, França | 1972 | 2h12 | M/16

É uma das obras fundamentais de Zurlini, produzida e interpretada por Alain Delon, num dos melhores desempenhos da sua carreira, o de um professor substituto, apaixonado pela arte e pela literatura, que chega a Rimini, na costa adriática, em pleno Inverno. E é nesta estação balnear deserta e fantasmática, brumosa e lamacenta, filmada soberbamente pela câmara de Dario di Palma, por onde vemos deambular Delon, com um frio e pungente magnetismo e uma tal intensidade que nos corta a respiração, que o professor Daniele Domicini se apaixona por uma aluna frágil e sedutora, com um nome de ressonâncias *stendhalianas*.

La prima notte di quiete, no título original que cita um verso de Goethe, é uma espécie de poema melancólico, com uma delicadeza sombria, que pinta um vazio existencial à procura de um sentido. E Zurlini faz da sétima arte a chave de uma pureza perdida. Bela como o “je t’aime” que Delon murmura no cais da gare de Rimini. (Frédéric Strauss)



A reposição em sala de *Outono Escaldante / La prima notte di quiete* de Valerio Zurlini é um acontecimento imperdível a todos os títulos. Será, finalmente, dada ao espectador a oportunidade de descobrir a versão integral de um filme que foi, no seu tempo, distribuído com cortes consideráveis (mais de vinte minutos), impostos pelo seu co-produtor e actor principal Alain Delon. Mas é também uma oportunidade para rever e reconsiderar esta obra que deixou a crítica francesa perplexa aquando da sua estreia em 1972 – entre outros artigos, o de Jean de Baroncelli no *Le Monde* – não verdadeiramente hostil, mas pouco embalada pelo que não conseguia caracterizar com precisão.

Se *La prima notte di quiete* é hoje considerado como uma das experiências mais ambiciosas e corajosas abraçadas pela vedeta francesa, a tal se deve o facto de o seu autor ter sido, durante todo o seu percurso, um cineasta raro e exigente. O cinema de Valerio Zurlini, tantas vezes qualificado, preguiçosamente, de intimista e sensível, conta poucos títulos: nove longas-metragens entre 1959 e 1976¹. O desaparecimento prematuro do realizador em 1982, aos 56 anos, terá contribuído para conferir à sua obra uma aura particular, simultaneamente maldita e trágica. Terá sido Luchino Visconti a apresentar Alain Delon a Zurlini. Este ter-lhe-á dado a ler um argumento que já havia proposto a Marcello Mastroianni. O actor aceita imediatamente, vendo no papel a interpretar uma forma de escapar às suas interpretações habituais. Zurlini imaginava o filme como o



último capítulo de uma trilogia que contasse, ao longo dos anos, a história de uma rica família da burguesia colonial italiana. *La prima notte di quiete* constitui a terceira parte deste fresco que nunca será filmado. O destino do seu protagonista é o de ser o último representante desta dinastia caída em desgraça, um homem sem classe, exilado no interior de Itália, no interior de si mesmo.

O título italiano, *La prima notte di quiete*, apropria-se de um verso de Goethe que, metonimicamente, nos remete para a morte. O filme é, com efeito, marcado pelo desgosto, pelo desespero e pela morte. Trata-se de um poema melancólico enquanto narração trivial. É também a descrição de um confronto escaldante: o de uma personagem niilista com uma dura exigência espiritual.

Daniele Dominici é um professor substituto de literatura que chega a Rimini (na Emília-Romana) em pleno Inverno, para ensinar num liceu. Pouco inspirado pelo que parece ser uma muito residual vocação, frequenta à noite salas de *poker* onde, durante o jogo, perde, sem grande emoção, todo o seu dinheiro e onde trava amizades pouco recomendáveis. Casado com uma mulher que, de modo complacente, consola quando esta é abandonada pelo amante, deixa-se fascinar por uma aluna por quem se apaixona. Esta é amante de um cínico e depravado jovem rico.

La prima notte di quiete parece obedecer ao princípio melodramático da última oportunidade: uma personagem, chegada prematuramente ao fim das suas aventuras e da sua existência, vê-se envolta numa paixão na qual já não acreditava. Observador da vida da jovem estudante, Daniele Dominici vai descobrindo, progressivamente, a verdade sobre o seu passado, um passado onde cada elemento poderá subtrair ao seu encontro, de uma vez por todas, toda a qualidade romântica.

A dimensão psicológica e narrativa primordial do filme reside na sua atmosfera, no seu ambiente invernal e cinzento, no seu cenário de estância balnear deserta, nebulosa e mesmo spectral. Rimini surge como o teatro de um tédio existencial convocado por vários eventos de natureza libertina e onde uma burguesia de arrivistas engana o ócio com orgias, álcool e drogas.

¹ Jean-François Rauger contabiliza também o filme que Zurlini realizou para televisão, *La promessa*, 1970. [N.da T.]

Neste contexto, não está todo o sentimento amoroso votado a ser uma experiência dolorosa, isto é, masoquista? A crueza na descrição dos hábitos do grupo que se acerca de Dominici parece, assim, impossibilitar toda a possibilidade de romantismo. Mesmo que se afirme, sempre, no retrato das personagens secundárias, a promessa de uma redenção que não as reduz a pobres figurinos de um programa tristemente pré-estabelecido. Todos, com efeito, chegado o fim da projecção, terão desvelado um pouco de uma qualquer verdade inesperada do seu ser.

É precisamente nesta contradição, nesta confusão que mistura uma certa abjecção com paixão, que vive a singularidade do filme, como se nele se jogasse uma simbiose entre a vulgaridade e o sublime. Mal barbeado, de uma palidez de insónia, derrotado, constantemente envergando um sobretudo bege, Alain Delon atinge aqui o cume da sua beleza, uma beleza à qual confere uma face sombria e comovente.

Jean-François Rauger, *Le Monde*



ZURLINI HOJE

Nascido em Bolonha em 1926, Zurlini cursa Direito e História da Arte. A sua paixão pela pintura acompanhá-lo-á toda a vida, alimentando a sua obra, exercendo ele, a par da sua faceta de cineasta, uma admirável carreira enquanto crítico de arte e coleccionador. Após o fracasso de muitos projectos (uma maldição que se perpetuará ao longo da sua carreira), surge a sua primeira longa-metragem, *Le ragazze di San Frediano*, seguida de *Estate violenta*. O seu terceiro filme é, sem dúvida, o mais famoso, *A Rapariga da Mala / La Ragazza con la Valigia*. Aida (uma sublime Claudia Cardinale), mãe solteira que canta para ganhar a vida, é cobardemente abandonada pelo amante, um filho de boas famílias. Cruza-se

então com o irmão deste, um jovem sensível que lhe dá amor e ternura. Mas os pais do rapaz convencem Aida a romper a ligação. Os filmes de Zurlini são dramas angustiantes, que preferem a retenção à abundância lacrimal e o intimismo psicológico a clichés.

Apesar do seu pessimismo, *La ragazza con la valigia* não reflecte o desespero dos filmes seguintes nem o niilismo radical da sua obra-prima, *La prima notte di quiete*, com Alain Delon.

Certamente porque a beleza e a juventude dos actores atenuam a tristeza do filme, uma história de amor impossível, tema recorrente na sua filmografia. Zurlini lança o seu actor-fétiche, Jacques Perrin, oferece a Claudia Cardinale o seu primeiro papel de relevo e dá a conhecer a sua incrível sensualidade. Depois do êxito de *La ragazza con la valigia*, *Cronaca familiare* vale a Zurlini um merecido Leão de Ouro em Veneza. Veremos ou reveremos este filme admirável (restaurado em 2005 pela Cinemateca de Roma em estreita colaboração com o seu genial director de fotografia Giuseppe Rotunno), é também recordarmos que algumas obras-primas, mais ou menos reconhecidas, mais ou menos confidenciais, são



essenciais à edificação de uma relação fértil, apaixonada e crítica do cinema. *Cronaca Familiare* é um filme de cabeceira que abalou não apenas a breve história do cinematógrafo, mas também o olhar de inúmeras gerações de cinéfilos. Com este filme Valerio Zurlini impõe-se como um dos cineastas mais importantes (e mais subtis) da modernidade cinematográfica europeia, ombreando com Resnais, Pasolini e Antonioni. Merece, pois, uma perpétua (re)descoberta. Viagem no tempo e na memória, *Cronaca familiare* conta a pungente história de amor entre dois irmãos (Jacques Perrin e Marcello Mastroianni, rivais na beleza e na emoção), separados pela vida desde a infância, depois pela morte na

idade adulta. Extremamente moderno na narração, mas sem efeitos chamativos, o filme transcende as regras do melodrama, em permanente estado de graça. *Cronaca familiare*, obra trepidante, é emblemática das revoluções formais que agitam a produção transalpina dos anos sessenta, vizinha da Nouvelle Vague, ancorada porém numa tradição literária e pictórica italiana. O filme é adaptado de um romance de Vasco Pratolini, grande escritor e argumentista cuja sensibilidade está muito próxima da de Zurlini.

Em 1972, uma outra obra-prima dialoga com *Cronaca familiare*. Trata-se de *Outono Escaldante / La prima notte di quiete* ("a primeira noite de tranquilidade", ou seja, a morte – segundo Goethe). Zurlini, em plena crise existencial, entrega-se a este projecto como nunca. É um filme de uma escuridão absoluta, niilista e desconcertante, uma nova história de amor impossível que não tem outra saída que não a sua total aniquilação. Zurlini não fala mais de relações entre irmãos, mas da atracção que um professor

de literatura sente por uma das suas alunas (a muito bela Sonia Petrovna, no mesmo ano em que a pudemos ver em *Ludwig* de Visconti!), numa Rimini invernal onde encontramos o talento do paisagista Zurlini, desta vez apoiado pelo grande mestre da cor, o director de fotografia Dario Di Palma, e o frio lirismo da *mise en scène*. Rodeado por um grupo de “vitelloni” bem desonestos (entre os quais, Giancarlo Giannini e Renato Salvatori), Alain Delon está admirável, interpretando um dos seus melhores papéis – e, sem dúvida, um dos mais patéticos. Igualmente co-produtor, a estrela francesa terá uma desavença com o realizador, modificará o título e cortará quase quarenta e cinco minutos de filme aquando da sua exibição em França. É evidentemente na sua longa, extenuante e depressiva versão italiana que importa descobrir, ver e rever até à exaustão este monumento de auto-destruição e de paixão mórbida.



Antes e depois deste testamento cinematográfico, Zurlini realizara dois filmes inacabados e fantasmagóricos: incursões alegóricas filmadas fora de Itália, *Sedutto alla sua destra* e *Il deserto dei tartari*, adaptado de um romance de Dino Buzzati. *Sedutto alla sua destra* (“sentado à sua direita”, como Judas na Última Ceia) era originariamente um *sketch* do filme político colectivo *Vangelo’70*, produzido por Carlo Lizzani, que se transformara finalmente em longa-metragem. Inspirado no destino do dirigente congolês Patrice Lumumba, o filme é também uma transposição terceiro-mundista da vida de Cristo, numa África abstracta assolada pela violência. A distribuição do filme participa da sua natureza estrangeira. Ao lado de Jean Servais e do pasoliniano Franco Citti, encontramos nele o magnífico actor americano Woody Strode, inolvidável sargento negro de John Ford, no papel de independentista africano traído e supliciado. Será a primeira incursão de Woody Strode no cinema italiano, antes que este tome de assalto os estúdios da Cinecittà nos anos setenta, do genérico de *C’era una volta il west* aos filmes de Enzo G. Castellari e Fernando Di Leo. Pouco visto em Itália, invisível e totalmente desconhecido em França, *Sedutto alla sua destra* será (mal) distribuído nos Estados Unidos como um filme de *blaxploitation*, com o título de *Black Jesus*. Cada projecção pública é, portanto, um acontecimento suficientemente raro para ser pouco digno de nota. *Il deserto dei tartari* é uma grande produção europeia rodada no Iraque onde ressurgem o tema da guerra e o gosto pela abstracção que parecem assombrar Zurlini. Co-produzido e interpretado por Jacques Perrin, com grandes actores internacionais, *Il deserto dei tartari* é uma empreitada fascinante de cinema metafísico que o cineasta – doente, debilitado e alcoólico – não parece estar à altura de controlar. É o seu assistente Christian de Chalongue que realizará grande parte do filme. Zurlini morre aos 56 anos, em 1982. Mestre menor, génio maldito ou cineasta do *spleen*, deixa uma obra incompleta, mas cujos vestígios nos assombrarão para sempre.

Olivier Père

[Trad. Cláudia Coimbra]